



Revista Linguasagem – 15ª Edição / www.lettras.ufscar.br/linguasagem

**TODAS AS CORES DO SERTÃO:
MACHADO DE ASSIS, LEITOR DE COELHO NETO**

Alex Sander Luiz Campos*

Osmar Pereira Oliva**

Considerações iniciais

O cronista de “A Semana” não se esquivava às apreciações literárias. Em crônica de 11 de agosto de 1895, Machado de Assis tece considerações a respeito de *Miragem*, obra de Coelho Neto recém-publicada em livro. Mais do que enaltecer os lances dramáticos de *Miragem*, com seus personagens vivos e comoventes, suas cenas tristes e verdadeiras, o autor de *Dom Casmurro* parece querer chamar-nos a atenção para um escritor que, romancista, não deixa de ser, também, historiador e “observador de pulso” (ASSIS, 2008, p. 279).

aqui está Coelho Neto, romancista, que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes dos nossos primeiros romancistas [...] mas é como autor de obras de ficção que ora vos trago aqui, com o seu recente livro *Miragem*. Coelho Neto tem o dom da invenção, da composição, da descrição e da vida, que coroa tudo. (ASSIS, 2008, p. 278)

Henrique Maximiano Coelho Neto, autor de *Miragem*, nasceu em Caxias - MA em 1864 e faleceu em 1934, no Rio de Janeiro. Já aclamado “Príncipe dos Prosadores Brasileiros”, o mais fecundo dos escritores da literatura brasileira (mais de 120 volumes compõem sua obra) é constantemente vítima do que Otávio de Faria denomina “teoria vulgarizada” (FARIA in COUTINHO, 1986, p. 229). Segundo esse pensamento, o autor maranhense não passaria de um empolado, um

* Recém-graduado em Letras - Português pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Artigo apresentado, sob forma de comunicação, no III Seminário de Literatura Brasileira - “Diálogos com a tradição: permanência e transformações”, em 2009, durante a participação, como iniciação científica voluntária, no Grupo de Pesquisa em Estudos Literários - GEL do Departamento de Comunicação e Letras da UNIMONTES. e-mail: lxsndrlzcmps@yahoo.com.br

** Professor Titular de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES e do Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da mesma instituição. Orientador deste trabalho.

rebuscado, um gongórico ou mesmo “um cego apologista do culto do estilo pelo estilo” (p. 229). Dono de obra tão vasta, é até mesmo esperado que nem tudo na seara coelhonetiana possua o mesmo nível qualitativo.

O mesmo sucedeu, aliás, com os maiores vultos da literatura universal, e basta lembrar as figuras atormentadas de Balzac e Dostoievski, sempre às turras com os seus credores e editores, para nos dar uma ideia da batalha que Coelho Neto deve ter sustentado e da desigualdade que fatalmente haveria de condicionar a sua obra. Não importa. Acaso em Balzac ou Dostoievski tudo é da mesma qualidade? (FARIA in COUTINHO, 1986, p. 230)

A crítica atual tende a apontar três livros de Coelho Neto como “volumes definitivos”: *Sertão*, *Treva* e *Banzo* (Cf., *v.g.*, FARIA in COUTINHO, 1986, p. 231 e LUFT, 1973, p. 243 *et seq.*). Em *Sertão*, de forma especial, é possível identificar pontos de contato entre Coelho Neto e Euclides da Cunha, um dos escritores homenageados no III Seminário de Literatura Brasileira. No plano da linguagem, por exemplo, une os dois autores o extraordinário vocabulário, o que por vezes afasta de suas obras os leitores que não estejam aptos a entender a variedade de termos empregados. Com um vocabulário estimado em vinte mil palavras, é natural que a obra coelhonetiana cause estranheza, quando não “o incontrolável movimento de mau humor” ou ainda a “reprovação sistemática” que nos expõe Faria (in COUTINHO, 1986, p. 230).

Mas não é a riqueza vocabular o que de mais significativo une Coelho Neto a Euclides da Cunha. Basta a aproximação entre os títulos de suas obras mais expressivas para o reconhecimento de uma temática que lhes perpassa a produção e nos oferece frutos de alto valor: Coelho Neto publica *Sertão* em 1896. Seis anos depois aparecem *Os Sertões* (Campanha de Canudos), de Euclides da Cunha.

Sobre as influências decisivas na sua formação literária, Coelho Neto, em entrevista concedida a João do Rio (O MOMENTO... *apud* FARIA in COUTINHO, 1986, p. 227), se aproxima ainda mais do sertão quando afirma que “não contribuíram autores [para sua formação], contribuíram pessoas”. Nascido no interior do Maranhão, a influência do sertão acompanhará o escritor por toda a vida. Segundo conta em entrevista, seu ecletismo é fruto da mistura de ideais e raças que marcou o primeiro período de sua vida. Mais do que influências de autores, marcarão a obra coelhonetiana “as histórias, as lendas, os contos ouvidos em criança, histórias de negros cheios de pavores, lendas de caboclos palpitando encantamentos, contos de homens brancos, a fantasia do sol, o perfume das florestas, o sonho dos civilizados...” (O MOMENTO... *apud* FARIA in COUTINHO, 1986, p. 227)

O olhar crítico de Machado de Assis sobre as novelas de *Sertão*

Sobre Machado de Assis crítico, escreveu Tristão de Ataíde (in ASSIS, 1892) um texto fundamental, introdutório à parte da “Crítica” da *Obra completa* de Machado organizada por

Afrânio Coutinho. De acordo com Alceu Amoroso Lima, Machado teria fundido seu lado “crítico” no “romancista” após cultivar o gênero no alvorecer da vida literária. “Crítico malgrado” é como lhe chama Tristão de Ataíde.

Machado de Assis foi um crítico malgrado. [...] O que distinguia logo a sua concepção e a crítica era o *alto apreço* em que a tinha. E que manteve por toda a vida. [...] nunca, até morrer, teve uma palavra de desconsideração por uma atividade literária que abandonou, por ter optado pela vertente oposta, onde os críticos em geral são tratados com azedume. (ATAÍDE in ASSIS, 1892, p. 779)

Se com o tempo a produção crítica de Machado escasseia, torna-se necessário lembrar que parte considerável da crítica machadiana ulterior aos textos exclusivamente críticos está inserida em produções pertencentes a outros gêneros, como nas cartas e, de maneira especial, nas crônicas. A simples referência à crônica de 11 de agosto de 1895 que abre o presente texto seria suficiente para atestar a longevidade da atuação crítica do autor das *Memórias Póstumas*. Interessa-nos agora, contudo, outra crônica, publicada menos de dois anos depois, no dia 14 de fevereiro.

A série é a mesma, “A Semana”. *Sertão*, de Coelho Neto, fora publicado há aproximadamente um ano e é agora a obra na pauta do cronista. Como veremos, entretanto, a apreciação crítica da obra por parte de Machado implica questões que precisam ser discutidas. A inserção da crítica literária no espaço da crônica semanal não poderia ser mais oportuna, uma vez que excede as raias do estético e convida o leitor a voos mais altos, ao sertão e ao conhecimento do outro/sertanejo.

As novelas que compõem a edição definitiva de *Sertão* são sete: “Praga”, “O enterro”, “A tapera”, “Firmo, o vaqueiro”, “Cega”, “Mandovi” e “Os velhos”. Dedicado a Paulo Prado (importante patrocinador e incentivador da Semana de Arte Moderna de 1922), o volume contava, na primeira edição, com uma novela a menos. “Mandovi” só aparece a partir da segunda edição (1903). Três novelas são comentadas por Machado na crônica de fevereiro de 1897: “Praga”, “Firmo, o vaqueiro” e “Cega”. Duas novelas são apenas citadas com a indicação do jornal em que saíram originalmente: “A tapera” (*Revista brasileira*) e “Os velhos” (*Gazeta de Notícias*). Sobre “O enterro”, o cronista não dá um parecer específico.

“Praga”, a primeira novela, é narrativa extensa, dividida em sete capítulos e dedicada a Martim Francisco. Saía originalmente no *Correio Paulistano*. Com essa novela, Paulo Coelho Neto e Nascimento Kuhn (1972, p. 41-42) atribuem a Coelho Neto o título de precursor do gênero regionalista na literatura brasileira. Em relação a “Praga”, Machado (1961) faz ressalvas quanto ao arrojo demasiado e os possíveis excessos. Admite, porém, que a “vibração extraordinária dos quadros” compensa eventuais defeitos. Sobre esses quadros, afirma o cronista: “não são alegres nem graciosos, mas a gente orça ali pela natureza da praga, que é o cólera” (1961, p. 415).

Quanto a “Firmo, o vaqueiro”, Machado estabelece um contraponto com “Praga”. Em uma novela, a imagem triste da morte. Em outra, a “morte jovial”. O cronista cita, *ipsis litteris*,

fragmento da narrativa que parece traduzir bem o caráter do personagem: “Agora, se quereis a morte jovial, tendes *Firmo, o vaqueiro*, um octogenário que ‘não deixa cair um verso no chão’, e morre cantando e ouvindo cantar ao som da viola.” (ASSIS, 1961, p. 415). Uma das narrativas mais curtas de *Sertão, Firmo, o vaqueiro* saíra a princípio n’*O Paiz* de 23 de julho de 1893.

“Cega”, dividida em três capítulos, é dedicada ao poeta e político Luís Murat. Saíra, como folhetim, na *Gazeta de Notícias*, de 17 de agosto a 5 de setembro de 1895. A essa narrativa o cronista dedica espaço consideravelmente maior, não lhe negando ser “uma das mais aprimoradas novelas do livro” (ASSIS, 1961, p. 415). Fascinam Machado as imagens da novela e a íntima relação entre personagens e natureza. Fragmentos da narrativa também se fazem presentes.

o colorido é longo, vigoroso e paciente, recamado de frases como aquela do céu quente “donde caía uma paz cansada”, e de imagens como esta: “A vida banzeira, apenas alegrada pelo som da voz de Felicina, de um timbre fresco e sonoro de mocidade, derivava como um rio laudoso e pesado de águas grossas, à beira do qual cantava uma ave jucunda.” A natureza está presente a tudo nestas páginas. Quando Cabiúna morre (*Cega*, 280) e estão a fazer-lhe o caixão, à noite, são as águas, é o farfalhar das ramas fora que vem consolar os tristes de casa pela perda daquele “esposo fecundante das veigas virgens, patrono humano da floração dos campos, reparador dos flagelos do sol e das borrascas”. (ASSIS, 1961, p. 414-5)

Não obstante as ressalvas feitas a “Praga” (o arrojo excessivo), a crítica machadiana a *Sertão* é muito positiva. Da leitura da totalidade das narrativas, o cronista destaca o amor de Coelho Neto pelo sertão. Além de amá-lo, Coelho Neto possuía as cores necessárias para pintá-lo, as cores próprias de casa paisagem. Segundo o cronista, é próprio do autor maranhense “o senso da vida exterior. Dá-nos a floresta, com os seus rumores e silêncios, com os seus bichos e rios, e pinta-nos um caboclo que, por menos que os olhos estejam acostumados a ele, reconhecerão que é um caboclo”. (ASSIS, 1961, p. 414)

O livro de Coelho Neto, na visão do cronista, vai em direção contrária ao discurso dominante sobre o sertão. O ano era 1897, não esqueçamos. Aproximavam-se os momentos finais da Revolta de Canudos. No mesmo ano, a 5 de outubro, o país assistiria a uma das mais trágicas lutas da história da república. A destruição de Canudos dar-se-ia ainda no mesmo ano: casas incendiadas, a ação de um poderoso exército sobre uma comunidade sertaneja, a morte da população indefesa perante a ação daqueles que se acreditavam civilizados. Para a justificação de tamanha atrocidade, era necessária a divulgação de uma imagem distorcida de Canudos e, conseqüentemente, de uma visão distorcida de sertão.

Para o homem da cidade, o “leitor sem fanatismo”, ilustrado em narrativa encaixada que abre a crônica de 14 de fevereiro, Antônio Conselheiro, líder do povoado, era um “homem que briga lá fora”. Inconformado com a ausência de senso crítico por parte da população, o cronista é claro ao alertar que muito do que se ouvia falar sobre Canudos era baseado em lendas, pormenores misteriosos, não em fatos concretos. Para o senso comum do homem citadino, incapaz de pensar

no outro a partir de sua [do outro] realidade particular, Canudos era lugar de fanáticos, loucos, monarquistas. Durante muito tempo tais acusações ainda predominariam como verdade absoluta. Contra a disseminação desse senso comum, o cronista elege a criação literária como meio de pensar o sertão e o ser humano.

Conforme Osmar Pereira Oliva (SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS... Rio de Janeiro; Niterói, UERJ; UFF; UFRJ, 2008), o cronista machadiano deixa transparecer certa sedução pelo poder que Antônio Conselheiro exercia sobre seus seguidores. Na crônica de 14 de fevereiro de 1897, essa sedução se estende ao poder que Antônio Conselheiro chegou a exercer em relação à baixa de fundos do país em Nova Iorque e Londres. A partir desse fato e fazendo uso de sua peculiar ironia, o cronista questiona a equivocada imagem criada em torno do povoado de Canudos e seu líder, o Conselheiro. Encarava-se como episódio fim-de-século o que era apenas uma maneira encontrada pelos sertanejos para escapar da fome, da seca e da violência, uma maneira de tentar traduzir a vontade de construir outra ordem social, em que houvesse paz.

O efeito é triste, mas vê se tu, leitor sem fanatismo, vê se és capaz de baixar o menor dos nossos títulos. Habitante da cidade, podes ser conhecido de toda a rua do Ouvidor e seus arrabaldes, cansar os chapéus, as mãos, as bocas dos outros em saudações e elogios; com tudo isso, com o teu nome nas folhas ou nas esquinas de uma rua, não chegarás ao poder daquele homenzinho, que passeia pelo sertão uma vila, uma pequena cidade, a que só falta uma folha, um teatro, um clube, uma polícia e sete ou oito roletas, para entrar nos almanaques. (ASSIS, 1969, p. 413)

Além da sedução do cronista d'“A Semana” por Antônio Conselheiro e seu bando, que, como os piratas do Romantismo, buscavam aventuras e vida livre, longe das hipocrisias da vida urbana, o estudo de Oliva também nos possibilita pensar no sertão como matéria poética para a criação literária. O cronista machadiano espera que, assim como Coelho Neto pintara o sertão com as cores próprias, de forma exuberante, também fosse pintado um quadro da vida da gente de Canudos. De forma oportuna, a crítica literária inserida na crônica revela um sertão que merece ir para as páginas dos livros, dos romances, ser matéria para a criação literária.

“O sertão é infinito” (Machado de Assis, n’“A Semana” de 14 de fevereiro de 1897)

“O sertão está em toda a parte.” (Guimarães Rosa – fala de Riobaldo, no *Grande Sertão: Veredas*)

O sertão exerceu notável fascínio sobre o autor de *Dom Casmurro*. Não era para menos, afinal, o sertão e os sertanejos representam uma espécie de aventura, de sair/fugir dos convencionalismos sociais, das hipocrisias próprias do ambiente citadino. Machado, que sempre fora avesso à sociedade de aparências, devia sentir-se à vontade com as histórias da gente do sertão. Na mesma crônica em que comenta o livro de Coelho Neto, dá seu parecer: “Histórias sertanejas dão acaso não sei que gosto de ir descansar, alguns dias, da polidez encantadora e

alguma vez enganadora das cidades” (ASSIS, 1961, p. 415) e adverte: “Se achardes no *Sertão* muito sertão, lembrai-vos que ele é infinito, e a vida ali não tem esta variedade que não nos faz ver que as casas são as mesmas, e os homens não são outros. Os que parecem outros um dia é que estavam escondidos em si mesmos”. (ASSIS, 1961, p. 416)

O cronista parece associar o sertão com a essência do homem. Recorrendo à conhecida fala de Riobaldo Tatarana no Grande Sertão, seria possível dizer que o sertão é “onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar” (ROSA, 1985, p. 24). É o sertão, portanto, lugar propício para a visão do humano, de sua essência, pois lá não há a variedade enganadora das cidades. Ao “habitante da cidade” que se supunha superior em sua civilidade aos “bárbaros” de Canudos, o cronista vem mostrar que o homem é um só: possui sentimentos, medos, anseios, sonhos. No sertão, o homem se revela plenamente; não há esconderijos, máscaras ou maquiagens.

Considerações finais

As crônicas em que Machado de Assis aborda a Revolta de Canudos são fundamentais para a compreensão de que, longe de ter sido um absenteísta, nosso maior escritor se preocupou com questões pertinentes à sociedade brasileira. Fazendo uso de estratégias e recursos vários, como sua peculiar ironia, as narrativas encaixadas e os saltos de colibri ao discutir assuntos dos mais triviais aos mais complexos. Neste trabalho, mostramos que também a crítica literária foi utilizada pelo cronista para denunciar uma visão de sertão calcada em lendas e preconceitos. O cronista faz o elogio da criação literária para um conhecimento transcendente de sertão, reconhecendo a infinitude desse espaço e sua singular capacidade de revelar o homem sem as hipocrisias da vida social urbana.

Ao insistir na necessidade de escrita de um livro sobre o arraial de Canudos, o cronista parece prever a obra máxima euclidiana, prenunciando a produção de “outro Coelho Neto”, ou seja, um escritor que também fosse “observador de pulso” e a um só tempo romancista e historiador, no sentido de nos contar a vida das almas e dos costumes da gente do sertão. Vamos a *Os Sertões*.

Abstract: Sensible and perceptive reader, the columnist of “A Semana” [“The Week”] on the February 14th, 1897 find in the novellas of *Sertão* (1896) a opportunity to question the short and strong paintbrush marks that the backlands were painted by the common sense of the urban man in decisive moments of Canudos Revolt. The narratives of *Sertão*, with its patient and vigorous paintbrush marks, reveal to the columnist (Machado de Assis) a Coelho Neto lover of the backlands. They report a great dimension for the backlands: “lembrai-vos que ele é infinito” [“remember that they’s infinite”], pointed the columnist out. The criticism from Machado de Assis to Coelho Neto has chance of see a new vision to the backlands: a place where the man reveal like he really is, without the variety that prevent the vision of the human.

Keywords: Machado de Assis, Coelho Neto, backlands.

Referências

ASSIS, Machado de. *A semana* (1895-1900). São Paulo: Mérito, 1961. v. 3. (Obras completas de Machado de Assis, 28).

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Homenagem aos 100 anos do falecimento de Machado de Assis. Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <portal.mec.gov.br/machado/index>. Acesso em: 2 jun. 2009. p. 277-279.

ATAÍDE, Tristão de. Machado de Assis, o crítico. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1892. v. 3. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira).

FARIA, Otávio de. Coelho Neto. In: GOMES, Eugênio; FARIA, Otávio de. Lima Barreto. Coelho Neto. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Ed. UFF, 1986. v. 4. cap. 39. p. 225-233.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Globo: Porto Alegre, 1973.

NETO, Coelho. *Sertão*. 6. ed. Porto: Lello & Irmão; Lisboa: Aillaud & Lellos, [1933].

NETO, Paulo Coelho; KUHN, Neuza do Nascimento. *Bibliografia de Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972. (Coleção Documentos, v. 4).

OLIVA, Osmar Pereira. Orientalismo e romantismo: operadores conceituais e filosóficos para a criação literária em crônicas de “A semana”. In: SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS, 1., 2008, Rio de Janeiro. *Machado de Assis: novas perspectivas sobre a obra e o autor, no centenário de sua morte*. Rio de Janeiro; Niterói: UERJ; UFF; UFRJ, 2008. 1 CD-ROM.

O MOMENTO literário. A palavra de Coelho Neto. [Entrevista concedida a João do Rio]. O Jornal, Rio de Janeiro, 13 jun. 1926. *Apud*: FARIA, Otávio de. Coelho Neto. In: GOMES, Eugênio; FARIA, Otávio de. Lima Barreto. Coelho Neto. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Ed. UFF, 1986. v. 4. cap. 39. p. 225-233.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 18. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Recebido em: 20 de setembro de 2010.

Aceito em: 30 de setembro de 2010.